

# **Descentralizando o centro, territorializando a arte: No coração do mundo**

**Dâmaris Ferreira Araújo**

Grupo de Pesquisa Saberes em movimento / UNILA

**Luciana Yumi Yara**

Graduanda em História Licenciatura da UNILA

## **Descentralizando o centro, territorializando a arte: No coração do mundo**

### **Resumo:**

Esse artigo propõe refletir sobre o filme *No Coração do Mundo* (2019) e o trabalho da produtora Filmes de Plástico. Buscamos compreender o papel central da arte territorializada e os conflitos com a pretendida monopolização da produção dos imaginários pela indústria cultural. Igualmente, fazemos um diálogo com o debate sobre centro x periferia expresso por Gunder Frank, Milton Santos e a Estética do Oprimido, proposta pelo Teatro do Oprimido.

**Palavras-chave:** *Território; Identidade; Estética; Produção artística; No coração do mundo.*

## **Descentralizando el centro, territorializando el arte: En el corazón del mundo**

### **Resumen:**

Este artículo propone reflexionar sobre la película *En el corazón del mundo* (2019) y el trabajo de la productora *Films de Plástico*. Buscamos comprender el papel central del arte territorializado y los conflictos con la pretendida monopolización de la producción del imaginario por parte de la industria cultural. Asimismo, dialogamos con el debate centro x periferia expresado por Gunder Frank, Milton Santos y la Estética del Oprimido, propuesto por el Teatro del Oprimido.

**Palabras clave:** *Territorio; Identidad; Estética; Producción artística; En el corazón del mundo.*

## **Decentralizing the center, territorializing art: In the heart of the world**

### **Abstract:**

This article proposes to reflect on the film *In the heart of the world* (2019) and the work of the production company *Filmes de Plastic*. We seek to understand the central role of territorialized art and the conflicts with the intended monopolization of the production of the imaginary by the cultural industry. Likewise, we have a dialogue with the debate on center x periphery expressed by Gunder Frank, Milton Santos and the Aesthetics of the Oppressed, proposed by the Theater of the Oppressed.

**Keywords:** *Territory; Identity; Aesthetics; artistic production; In the heart of the world.*

CINELATINO A/PRESENTA:

# NO CORAÇÃO DO MUNDO

DIA/DIA: 29/10  
 AS / A LAS: 19:00HR

NO / EN CINE CATARATAS

DEBATE após a sessão com TEREZA SPYER, RAFAEL LEMOS, MICHELE DACAS e MARIA C. ORTIZ

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

# ROMA

VENDEDOR DE SOCRAN

CINELATINO A/PRESENTA:

# DIVINO AMOR

DIA/DIA: 24/09  
 AS / A LAS: 19:00 HORAS

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com JOÃO BARROS, ESTER FER e JOÃO R. DA SILVA

CINELATINO A/PRESENTA:

# ESPERO TUA (RE)VOLTA

DIA / DIA: 03/09  
 AS / A LAS: 19:00HR

NO / EN AUDITÓRIO MARTINA - UNILA JD. UNIVERSITÁRIO

ENTRADA GRATUITA

DEBATE após a sessão com CÁTIA CASTRO, EMILLY WITTE, GILBERTO MORENO, JULIANA BALESTRA e LUCIANA GB

1ª MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA XAVANTE EM PERSPECTIVA

ENTRADA GRATUITA

Data: 28 e 29 de maio de 2018

Local: Cine Cataratas (sala 3) CATARATAS EL SHOPING

Horário: 21h30

CINELATINO A/PRESENTA:

# PALESTINA VIVE!!!

3º CICLO DE DEBATE E MOSTRA DE FILME

SÁBADO 10 DE AGOSTO 19:30 NA FÓRUM CULTURAL FÓZ DO IGUAÇU 2018

UNION CO-PRODUÇÃO OFICIAL ENTRE ARGENTINA E PALESTINA - 2018

CINELATINO A/PRESENTA:

# ELEIÇÕES

DIA/DIA: 28/05  
 AS / A LAS: 19:00 horas

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com FÁBIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR

CINELATINO A/PRESENTA:

# LOS SILENCIOS

DIA 30/04  
 AS / A LAS: 19:00 HORAS

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

SESSÃO EXTRA

CINELATINO A/PRESENTA:

# BACURAU

PRÉ-ESTREIA

DIA/DIA: 24/08  
 SESSÃO/SESIÓN AS / A LAS: 19:00hr

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com FÁBIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR

CINELATINO A/PRESENTA:

# SEU NOME É DANIEL

DIA/DIA: 09/11  
 AS / A LAS: 19:00

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$ 5,00

DEBATE após a sessão com TEREZA SPYER, CAIO QUEIROZ e JULIANA COELHO

CINELATINO A/PRESENTA:

# A PARTE DO MUNDO QUE ME PERTENCE

DIA / DIA: 04/06  
 AS / A LAS: 19:00hr

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE no MEDUSA PUB após a sessão com TÍCIA NO MONTEIRO, ELIANA DEL ROSARIO, WALL ASSIS e o diretor MARCOS PIMENTEL

CINELATINO A/PRESENTA:

# ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

DIA/DIA: 22/11  
 AS / A LAS: 19:00HR

NO / EN UNILA - JD UNIVERSITÁRIO: AUDITÓRIO MARTINA

DEBATE após a sessão com FERNANDO PRADO, VICTORIA DARLING e MARIANA MALHEIROS

ENTRADA GRATUITA

CINELATINO A/PRESENTA:

# BARONESA

dirigido por JULIANA ANTUNES

SEGUNDA (24) às 19h no CINE CATARATAS

Compras na Bilheteria, terminais de auto atendimento e no site: [www.cinecataratas.com.br](http://www.cinecataratas.com.br)

Valor promocional: R\$5,00

CINECLUBE CINELATINO NO I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOV

LUNAS CAUTIVAS

MARCIA PARADISO ARGENTINA, 2013

01/11 - 18H - SALA C208

CINELATINO A/PRESENTA:

# MOSTRA XAVANTE

11 DE OUTUBRO 19:00 HORAS

ENTRADA FRANCA

NO CINE CATARATAS

EXIBIÇÃO E DEBATE COM MARIO RAMAÑO E GIOVIO BRIGHENTI

CINELATINO A/PRESENTA:

# HISTÓRIAS QUE NOSSO CINEMA (NÃO) CONTRA

DIA: 12/06  
 HORAS: 19:00

ENTRADA R\$5,00

NO CINE CATARATAS

CINECLUBE CINELATINO NO I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

AMÉRICA ARMADA

ALICE LANARI E PEDRO ASBEG BRASIL, 2018

30/10 - 19H - SALA C208

CINELATINO A/PRESENTA:

# O PROCESSO

Documentário "O Processo" chegou em Foz! Quinta-feira, às 19h, no Cine JL

Debatedoras: Michele Dacs, Tereza Spyer, Camilla Vital

Apoio:

Organização: Projeto de extensão "Formação política e cidadania na interface entre TAEs, UNILA e comunidade"

CINELATINO A/PRESENTA:

# LOS SILENCIOS

DIA / DIA: 12/06  
 SESSÃO / SESIÓN AS / A LAS: 16:00hr

NO / EN EL AUDITÓRIO MARTINA (UNILA - JARDIM UNIVERSITÁRIO)

DEBATE após a sessão com o diretor e três les sessões de diretores BEATRIZ

ENTRADA GRATUITA

JARAGUÁ PRODUÇÕES, PLANO 9 E INQUIETA CONVIDAM PARA

EXIBIÇÃO DO FILME + DEBATE COM DIRETOR, TEREZA SPYER (UNILA) E ESTER MARÇAL (UNILA)

# EM NOME DA AMÉRICA

DIA 24 / 08 - 16H30 - FÓZ DO IGUAÇU (PR)

UNILA - CAMPUS JARDIM UNIVERSITÁRIO - AUDITÓRIO MARTINA (SALA 309)

TARQUÍNIO JOSLIN DOS SANTOS, 1000 - JD. UNIVERSITÁRIO - FÓZ DO IGUAÇU

A SESSÃO ESTARÁ DENTRO DO PROJETO DE EXTENSÃO CINECLUBE CINELATINO.

CINELATINO A/PRESENTA:

# Café com Laranja

DIA 19/08  
 AS 19:00 horas

EXIBIÇÃO NO Cine Cataratas

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

# JONAS E O CIRCO SEM LONA

22 OUTUBRO 19:00 HR

NO CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

# O NÓ DO DIABO

DIA 20/11  
 ENTRADA R\$ 5,00

19:00 HORAS

NO CINE CATARATAS

EXIBIÇÃO E DEBATE SOBRE RAÇISMO EM HOMENAGEM AO DIA DA CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA



## Introdução

*No Coração do Mundo* (2019), filme produzido pela Filmes de Plástico, com a direção assinada por Maurílio Martins e Gabriel Martins, apresenta em primeiro plano a condição subjetiva de ser e estar na periferia. O filme se passa na cidade de Contagem, onde os integrantes da produtora cresceram e vivem até hoje, uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte que tem em seu conjunto de características culturais e sociais elementos que podem ser observados facilmente em outras cidades Latino-Americanas.

Os cineastas da produtora desde o início de suas carreiras vêm criando filmes que retratam a si próprios e suas realidades. E quem melhor do que nós mesmos para falar de nós? Assim, neste trabalho pretendemos examinar as particularidades deste filme e também o tipo de produção cinematográfica proposto pela produtora dialogando com o contexto em que esta cidade está inserida. Também faremos uma aproximação entre a estética do oprimido, proposta fundamental do Teatro do Oprimido, com a estética intrínseca das produções territorializadas, como as da produtora Filmes de Plástico.

A motivação deste estudo vem da inquietação por compreender mais sobre os processos que envolvem a identificação (ou a falta dela) nas nossas relações com a produção cultural acessada em nossos territórios. Temos como objetivo ressaltar a importância do protagonismo das pessoas que existem e resistem em territórios ditos periféricos na construção de narrativas sobre si mesmas, em suas formações identitárias e na produção de conhecimentos próprios e populares.

A produtora Filmes de Plástico, criada em 2009, composta por André Novais, Gabriel Martins, Maurílio Martins e Thiago Macedo, tem em sua coleção 18 filmes produzidos. Sua principal característica é a de produzir a partir e para o território onde cresceram e vivem. O que parece ter nascido da escassez e da falta de recursos em uma cidade onde a produção cultural é algo para poucos, se mostra como uma importante ferramenta de expressão de narrativas simbólicas e corporais dos territórios.

Produzir arte no Brasil não é coisa fácil, ainda mais nas “periferias das periferias”; ainda mais cinema, com altos custos com equipamentos, cenários, atores, etc. A partir dos seus primeiros filmes, gravados no quintal de um dos produtores e com eles próprios, familiares e amigos atuando, foi se conformando uma identidade da Filmes de Plástico.

Assim como os integrantes da produtora que tinham que se deslocar da sua cidade para ir até a capital em busca de formação e acesso a outras produções, vemos a mesma situação por todo país. A produção cultural está sempre muito distante dos que estão à margem da sociedade, para estes, somente resta os subempregos, a luta diária para a sobrevivência, os estereótipos e a invisibilidade. *No Coração do Mundo* apresenta esta realidade a que os produtores do filme estão envolvidos, com narrativas e histórias que alcançam, pela identificação, pessoas que também nunca se vêem representadas nas produções culturais que conseguem acessar.

Logo no início do filme somos apresentados à música do MC Papo, *Texas*, acompanhada de imagens mostrando caras diversas sugerindo ser pessoas que vivem no *motherfucking Texas*, Contagem, cidade e também cenário do longa. A música, que parece ter sido feita para o filme, foi lançada em 2014 e rapidamente se tornou um sucesso na região metropolitana pela imediata identificação dos ouvintes por expressar a maneira de ser e os costumes metropolitanos mineiros. Se BH é o Texas, Contagem é o *motherfucking Texas*, e é esta lógica de centro/periferia que já se apresenta na música que queremos aprofundar para compreender melhor onde fica o coração do mundo.

## Territórios sobrepostos e a dialética da periferia

Ao se identificarem ouvindo suas cidades e as cidades do entorno serem chamadas de Texas, as pessoas assumiram para si um conjunto de ideias pré concebidas que são atribuídas a elas. Ser do Texas é morar longe, ser caipira, conviver com a ilegalidade e a violência, estar em um lugar onde o desenvolvimento sempre chega por último. Da mesma forma que uma pessoa que vive em São Paulo acredita estar no centro em relação a uma pessoa que vive em Minas Gerais, uma pessoa que vive em Belo Horizonte acredita estar no centro em relação a uma pessoa que vive em Contagem.

Essa relação psicossocial vai se reproduzindo do macro para o micro, pois dentro das próprias periferias existem outras periferias que, ao serem estimuladas a renegar sua cultura, miram um ideal cultural que está sempre ao centro. Por exemplo, dentro de Contagem existem bairros e regiões consideradas mais periféricas que as outras e as pessoas destes locais tendem a valorizar os bairros mais centrais do município. Assim, os municípios considerados mais periféricos tendem a valorizar os municípios considerados centrais em cada região e os países considerados periféricos tendem a valorizar os países considerados centrais.

André Gunder Frank, precursor do debate do desenvolvimento do subdesenvolvimento na América Latina, nos ajuda a entender melhor esta relação entre territórios ditos periféricos e os ditos metrópoles como “características estruturais que os conquistadores implantaram na América Latina e que ainda persistem” (FRANK, 1966: 3-4). Ainda para este autor:

As relações entre a metrópole não se limitam ao nível imperial ou internacional, também penetrando e estruturando toda a vida econômica, social e política das colônias e dos países da América Latina. Do mesmo modo que a capital colonial e nacional, e seu setor exportador, se converte em satélite das metrópoles ibéricas (e posteriormente de outras) do sistema econômico mundial, o dito satélite se transforma, por sua vez, primeiramente em metrópole colonial, e depois nacional, em relação ao setor produtivo e à população do interior. Ademais, as capitais provincianas, que são por sua vez satélites da metrópole nacional e, através desta, das metrópoles mundiais, são também centros provinciais ao redor dos quais giram os satélites locais. Logo, toda uma cadeia de constelações de metrópoles e satélites relaciona todas as partes do conjunto do sistema desde seu centro metropolitano na Europa ou nos Estados Unidos até o ponto mais distante do campo ou selva latino-americana (FRANK, 1966: 3).

Essa lógica que fala Frank, foi estudada também por Rui Maura Marini. Ela proporciona a extração de mais-valia, da superexploração da força de trabalho, particularidade dos territórios periféricos que compõem a totalidade do movimento mundial do capital (MARINI, 2011). Mas, para que esta estrutura colonial e necrófila siga existindo, torna-se necessária a compreensão sobre o papel que cumpre a dialética da dependência no âmbito simbólico, imagético e identitário.

Se vemos o prisma da dicotomia centro/periferia como algo fixo e apenas físico, não entenderemos como se mantém o status quo dessa relação desigual. Mas, se olharmos pela ótica da totalidade, e da dialética, perceberemos pequenos-grandes pontos da nossa formação psicossocial como sujeitos ditos periféricos. Condição que muitas vezes, mesmo estando ligados a um território considerado periférico, distorce a noção que alguns sujeitos têm de si e dos outros no mesmo espaço-tempo do viver. Para além dos territórios fixos, como os vemos e compreendemos, existe uma noção de territórios imaginários, que estão em contínuo movimento, sobrepondo-se de forma imagética uns aos outros.



Essa lógica perversa que passa despercebida, mas é concreta em sua violência, vai se reproduzindo via poder midiático<sup>1</sup> que, somado à indústria cultural, difunde uma narrativa sobre a periferia como: violenta, perigosa, feia, suja, sem cultura. Toda essa negatividade intencionalmente difundida no imaginário coletivo, desde a colonização, sobre sujeitos “bárbaros”, destruidora de nossas humanidades, é algo muito presente e intencional e é neste fato que reside nossa negação causadora de complexos de inferioridade. Em todo este contexto, quanto mais considerado periférico o território for, e quanto mais nossos corpos (nosso outro território) acumularem especificidades que causam opressões, como gênero, cor da pele, sexualidade, maior será a carga de negatividade recebida e possivelmente internalizada.

Ver nosso território de uma forma negativa nos causa um sentimento de não pertencimento e gera a necessidade de estarmos em outro lugar que seja valorizado. Como meu coração vai estar neste lugar? Em um lugar feio, pobre, longe, marginalizado. Quando Mc Papo chega e fala que toda a região metropolitana é o Texas, inclusive Belo Horizonte, ele muito entre aspas “resolve” o problema: todos são o Texas. Seria mais fácil de ser digerido e aceito o sentimento de ser periférico, de não ser o centro, quando coletivamente assumimos esse papel que nos é colocado?

Um personagem do filme que retrata bem essa relação centro/periferia é o ônibus Jardim Laguna (2130), que também estampa o cartaz do filme. O transporte coletivo faz o itinerário Belo Horizonte/Jardim Laguna (centro/periferia) e dentro dele vemos muitos diálogos interessantes que demonstram o incômodo com o “fim da linha”, o lugar onde moram.

Quando a motorista de ônibus Jacira conta para Ana sobre ter comprado um lote em Esmeralda (uma cidade rural da região metropolitana), a cobradora demonstra desdém pelo lugar soltando a expressão “fim do mundo pra mim já basta o Laguna” (NO CORAÇÃO..., 2019, 29 min). Em outra cena, Ana conta para outro cobrador sobre ter pedido demissão do emprego. A personagem relata como no começo era bom o trabalho, lhe causava alegria poder ir para o centro da capital belorizontina “ver todo mundo correndo pra lá e pra cá, tinha movimento, dava uma adrenalina, eu tinha vontade de descer ali e não voltar nunca mais” (ibid., 1h 22 min). Logo depois, relata sua angústia de ter que voltar sempre para o Jardim Laguna, “e a vida só passando pela janela, fim de linha cara, fim de linha” (ibid., 1h 22 min).

Nestas cenas podemos sentir o mal-estar da personagem com sua condição de existência, pois vive em constante negação mirando um ideal de vida. Ana pode representar nossos anseios formatados pela lógica da cultura de massa globalizada, idealizando o que está no centro. Se não amo meu espaço, o lugar que vivo, não irei lutar por ele, vou querer negá-lo. Negar nosso lugar é negar nossa identidade, porque é neste espaço-tempo das relações que nos tornamos gente. Nós constituímos o espaço e o espaço nos constitui.

## **A luta pela identidade: cultura de massa x cultura popular**

A genuinidade do diálogo desta ficção com a realidade da cidade de Contagem vem desta experiência real dos produtores do filme com seu território. Falar do nosso território é falar da gente, é falar da nossa identidade. Gabriel Martins, diretor e roteirista do filme, em uma entrevista, faz referência à famosa frase de Tolstoi: “Canta tua aldeia e cantarás o mundo”, re-

<sup>1</sup> Por todo o Brasil existem “jornais” televisivos no “modelo Datena” e impressos como o “Super Notícia”, que mostram em seus conteúdos a violência, o perigo, “a feiura” das regiões consideradas periféricas. A violência raramente está nos centros, o medo e a negatividade são as armas utilizadas por este tipo de mídia que acentua de forma mais escancarada o que a grande mídia sempre fez.

fletindo sobre a importância de começar a construir nossas subjetividades e nossos processos formativos a partir de nossos contextos (MARTINS, 2019).

Quando falamos a partir de nós, começamos a quebrar com a lógica colonizadora de construção do conhecimento, posto como universal e único e imposto de cima para baixo. Falar a partir de nós é recuperar o direito à voz que nos foi roubado, é nos colocarmos no lugar em que realmente estamos, no centro, assim como bem reflete Milton Santos no documentário *O mundo global visto do lado de cá*: “O centro do mundo está em todo lugar, o mundo é o que se vê de onde se está” (ENCONTRO..., 2004, 1 min 48 seg).

Falar a partir do lugar onde se está neste mundo capitalista globalizado se torna um privilégio para poucos. A indústria cultural, regida pela lógica do mercado e dos meios de comunicação hegemônicos, pretenciosamente intenciona substituir a cultura popular pela estereotipação violenta sobre os sujeitos das periferias, seus corpos e mentes, introjetando seus valores e ideias.

Esses meios de comunicação tem um alcance quase total em nossa sociedade, e por isso, tornou-se uma das principais armas de disseminação deste tipo de cultura criminalizadora de seres e territórios, como perigosos, sujos, feios e demais adjetivos calcados na separação de um sentido de vida e outro de morte para determinadas condições cotidianas. De acordo com Milton Santos:

O Brasil, pelas suas condições particulares desde meados do século 20, é um dos países onde essa famosa indústria cultural deitou raízes mais fundas e por isso mesmo é um daqueles onde ela, já solidamente instalada e agindo em lugar da cultura nacional, vem produzindo estragos de monta. Tudo, ou quase, tornou-se objeto de manipulação bem azeitada, embora nem sempre bem-sucedida (SANTOS, 2000, s/).

A cultura popular, ao contrário da cultura de massas, promove o sentimento de pertencimento das pessoas ao seu território. E é justamente essa cultura popular que vem sendo dia após dia massacrada das mais variadas maneiras. A produtora Filmes de Plástico, depois de muita escassez, hoje tem seu nome conhecido pelo Brasil e mundo afora, conseguiu entrar na estreita rota dos editais públicos e nos parece que seus integrantes conseguem sobreviver com seu trabalho artístico. Mas infelizmente essa é uma realidade de exceção para outras pessoas que produzem e fomentam a cultura na cidade de Contagem e em tantas outras cidades que se encontram à margem de uma metrópole.

A realidade é que o poder público dessas cidades quando investem em arte contratam artistas de renome de fora da cidade e alegam não terem verba para fomento cultural para artistas locais. E as pessoas continuam a ter que sair dos diversos “fim da linha”, pagar um alto preço em seus transportes intermunicipais, para alcançar uma formação artística, ter acesso ao lazer e a eventos artísticos que “participam” apenas como espectadores.

Se entendemos a arte/cultura como essenciais para formação dos sujeitos, que suas identidades são forjadas também a partir dela, e que o acesso e produção são restritos; conseguiremos entender um pouco da angústia das personagens do filme ao não encontrarem em seu território nem a possibilidade de serem as pessoas formatadas que o ideal da cultura de massa globalizante impõe e tampouco de recriar suas próprias existências a partir de parâmetros próprios.

Por outro lado, podemos também ver em Contagem (e em outras tantas cidades) pessoas, consideradas artistas ou não, apesar de tantos pesares, reinventarem o imaginário delas e de nós mesmos.



## Aproximações com Teatro das Pessoas Oprimidas<sup>2</sup>

A tentativa é de ver o que se olha. Criar desde de onde vivemos pressupõem expressar as próprias percepções?

A proposta da Filmes de Plástico de trazer à cena, junto com atrizes e atores profissionais, pessoas moradoras da região, parentes e amigos e estimular que as pessoas que rodeiam os trabalhos da produtora passem a criar elas mesmas suas próprias obras e ocupem o lugar de artistas; soa como as produções e princípios dos grupos e redes de Teatro das Pessoas Oprimidas por todo o mundo.

Nos parece uma boa ideia fazer essas aproximações, não com o intuito de intitular os fazeres com os mesmo conceitos, mas para desenhar e redesenhar as conexões das semelhanças importantes das periferias em muitos cantos desta Terra redonda. Atividade teimosa e insistente que procura revelar toda vez o processo de espoliação e colonização que faz desse número tão grande de pessoas uma imensa minoria. E também para trazer tensão e atenção às armadilhas do caminho em direção ao centro.

Nesse itinerário, começemos pelo fim: Que tipo de final estamos acostumadas? O final do filme nos diz que *o coração do mundo* não é alcançável para todos. Não é que nem *coração de mãe*, não, que tampouco abarca tanta gente assim.

O trabalho, o emprego, não vai dar o futuro tão ansiado. Dizer que quem trabalha ascende é um discurso meritocrático que exclui diversas condições sociais e suas histórias. Tampouco o roubo é a grande solução para o problema de não se sentir pertencente a esse mundo. E não porque é uma atitude moralmente condenável, poderia ser uma solução agressiva de tomar de volta o que foi roubado no passado. A conquista de um, não é a resolução da condição do grupo, ou de toda classe. Por vezes nos perdemos nos labirintos da possibilidade de deleite de uma reviravolta individual. Assim como aponta Barbara Santos (2018) sobre como se sustenta a estética do opressor:

O individualismo dessa perspectiva [do opressor] não permite a inclusão do contexto social, a fim de que o resultado esteja conectado apenas ao mérito individual. Particularizar, individualizar e descontextualizar compõem algumas das estratégias mais eficazes da estética do opressor (SANTOS, 2018: 85).

Esse traço está tão embrenhado em nossas leituras do mundo que é necessário sempre questionar as próprias percepções do real. Estar bombardeados por imagens que excluem a possibilidade da própria existência num assédio cotidiano e não ter acesso às ferramentas de produção nem a espaços de expressão e crítica oficializados, muitas vezes nos leva a crer que só existiremos quando formos cada vez mais parecidos com as imagens, deturpadas, das grandes mídias.

Santos, sobre sua experiência em 1997 no Centro de Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro, com grupos comunitários num momento de aprofundamento dos processos estéticos, nos conta que:

<sup>2</sup> Teatro das Pessoas Oprimidas é a auto-renomeação inclusiva feita por algumas pessoas praticantes do T.O (Teatro do Oprimido). O T.O. é um método organizado por Augusto Boal em suas experiências com grupos populares comunitários de diversos lugares. Parte da encenação de uma situação real, entendendo que todas as pessoas são atrizes/atores e podem teorizar e interferir na própria realidade. Estimula a troca de experiências através da intervenção direta na ação teatral, promovendo o debate e a análise sobre a estrutura apresentada e busca de ações coletivas para a transformação daquela realidade.

Nessa representação mainstream da sociedade, os integrantes dos nossos grupos não estavam incluídos como partícipes, apenas como negação. E, ao invés de confrontarem essa imagem idealizada, estavam estimulados/pressionados a lutar contra a sua própria imagem, buscando uma auto-imagem que os habilitassem a ser incluídos na imagem dos sonhos da telenovela. Tanto os que tentavam se incluir na imagem criada para existir quanto para os que negavam, em ambos os casos, essa imagem idealizada se constituía como a referência da existência. Quem tem direito à imagem? Quem tem o poder de criar representações? Quem tem o poder de definir quem pertence a essas representações?" (SANTOS, 2018: 88)

O fato de vermos em cena atores e não-atores pode "craquelar" esse manequim que tentamos vestir todos os dias pela estética de seus corpos e de seus movimentos. Corpos não especializados como aqueles já muito formatados pelas escolas de atuação que tem como modelo de "limpeza de movimento" um corpo branco europeu, ou com um material expressivo muito estilizado. Esses são os artistas autorizados a fazer arte e representar diversos mundos, a trabalhar com arte, a elaborar suas subjetividades, a serem remunerados e admirados por isso.

Na cena em que Selma e Marcos estão arrumando o cenário fotográfico na escola para receberem as crianças, Selma começa a narrar seu passado, ajeitando os detalhes do cenário e se posicionando no lugar da pessoa a ser fotografada. Nesse momento ela fala sobre o coração do mundo. O fundo é de uma paisagem natural da Califórnia e a mesa de estudos é ampla e individual com livros, maçã e um globo terrestre. Um cenário distante e artificial onde estamos acostumadas a sonhar e desejar um futuro desde crianças, que está nos livros didáticos, músicas, desenhos animados, seriados, etc.

Quem vê cara não vê coração, enquanto ainda formos analfabetos do simbólico e do subjetivo, a nossa forma é o nosso conteúdo, nosso conteúdo nos dá forma. Ao contemplar a poesia da galera, a gente choca com essas duas histórias: a realidade do passado da personagem, que, revelando sua fragilidade, nos conta os porquês de sua migração e com a ficção do futuro, o deslumbrante e inalcançável oasis. As cenas emocionam, apreendem e dão broncas, quebrando rapidamente a "quarta parede" e falando diretamente com quem assiste.

## **Assaltos e sequestros na periferia: (considerações nada finais)**

Ninguém fará um retrato nosso tão bem como nós mesmos. Ninguém saberá dos detalhes mais preciosos senão aquela pessoa que se conhece buscando se conhecer. A produção própria de nossas múltiplas identidades, as mais genuínas e as mais mercadologizadas, que também produzimos e consumimos, está em negociação, tendo como refém a própria sobrevivência. Essa é a condição das pessoas fazedoras da cultura popular territorializada, a de ter suas sobrevivências reféns.

É importante ver as produções da Filmes de Plástico alcançando outras margens e continentes, conquistando os editais e também repercutindo nos muros do bairro. O ato criativo daqueles que têm suas vozes roubadas é potência, mas não sem desafios. Passar na peneira do edital é correr o risco de endurecer no formato daquela trama, que se transforma a cada mudança do quadro político.

Quando vemos artistas como os produtores da Filmes de Plástico que, apesar de sua arte estar rodando o mundo, continuam a produzir arte territorializada, vivendo, imaginando, criando



a partir dos seus e para os seus; vislumbramos uma possibilidade de ver este cenário artístico tão elitista e excludente se modificar. Mas será que esse não seria aquele final feliz tão esperado?

A importância de produzir a própria imagem só pode ser relevante para nós mesmas. A indústria cultural cooptando e exotizando corpos e vidas sobrevive às produções que tentam trincar seu parabrisa blindado. Qualquer denúncia sobre violência policial ou vida na favela pode virar um estouro de bilheteria. Para a indústria sempre há uma imagem a ser assimilada. Ou seja, corremos o risco de nos tornar mercadoria, o que não é novidade quando pensamos que vendemos nossos corpos e força de trabalho para o lucro de alguém. A esse jogo já estamos familiarizadas, não é mesmo?

Até mesmo a obra de arte crítica, de cunho politizado, pode ser uma grande mercadoria se não estimula a inquietação e a produção compreendendo que cada pessoa que assiste é também atriz principal e artista parceira. Assim, nos faz mexer na cadeira a cena em que Selma olha para a câmera, quebrando a quarta parede e nos localiza no funcionamento do racismo estrutural dessa sociedade. De outra forma, nos abandonamos no assento da sala escura nos deleitando com a catarse dos filósofos gregos. Na fila do pão a gente é o frango da grelha.

O que queremos explicitar é que, sim, é fundamental reafirmarmos a importância de produções como as da Filmes de Plástico, mas também é essencial nos aprofundarmos em debates que avancem em direção a uma real democratização do direito a voz e a expressão.

Vemos em diversas entrevistas os integrantes da produtora falarem sobre seus anseios de que através dos seus filmes e seus processos de produção possam influenciar outras pessoas a também produzirem filmes. Mas como já exposto, vivemos num mundo onde o roubo do tempo pelo trabalho exercido para subsistência neste modelo econômico/social, o capitalismo, nos imobiliza para repensar o mundo a partir de nós próprios. Neste sistema, a arte, ferramenta essencial para elaboração do nosso subjetivo, não encontra lugar. Nesta realidade, nesta estrutura, não encontraremos um final feliz.

## Referências

**ENCONTRO com milton santos - o mundo global visto do lado de cá.** Direção: Sílvio Tandler. Produção: Ana Rosa Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Produções, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ifZ7PNTazgY> Acesso em 15 abril 2021.

FRANK, A. O desenvolvimento do subdesenvolvimento. Revista **Monthly Review Press**. 1966.

MARINI, R. Dialética da Dependência. In: TRASPADINI, R.; STÉDILE, J. (Org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARTINS, G. Filmes de Plástico completa 10 anos com “No Coração do Mundo”. **NO CORAÇÃO do Mundo**. Direção: Gabriel Martins, Maurilio Martins. Produção: Thiago Macedo Corrêa. Elenco: Kelly Crifer, Leo Pyrata, Grace Passô, Bárbara Colen, Robert Frank, Rute Jeremias, Renato Novaes, Mc Carol de Niterói e Gláucia Vandeveld. Produtora: Filmes de Plástico. Belo Horizonte: Embaúba Filmes, 2019. 1 DCP (120 min).

SANTOS, B. **Percursos Estéticos - Abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido**. Padê Editorial. 2018.

SANTOS, M. **Da cultura à Indústria Cultural**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19 mar. 2000, Caderno Mais.